



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16036 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 12 - Currículo

**TEXTURIZAR CURRÍCULO PARA UMA PRÁTICA DO TOQUE QUE ABRA A PENSAR-MATERIALIZAR ESCOLA COMO ENCONTRO**  
 Sulamita Inácio Freire - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

**TEXTURIZAR CURRÍCULO PARA UMA PRÁTICA DO TOQUE QUE ABRA A PENSAR-MATERIALIZAR ESCOLA COMO ENCONTRO**

Este ensaio textual se dá a partir de uma pesquisa em recorte pós-estrutural e pós-humanista que se põe a texturizar currículo entendendo-o como zona de contato cuja topologia ambivalente, porosa e sempre a se modificar provoca a imaginar uma prática do toque que abre a pensar-materializar escola como encontro. Essa ideia emerge mobilizada pelas minhas experiências enquanto artista visual, docente de artes visuais da educação básica pública e pesquisadora, num entrecruzamento da vida com a arte, a educação, assim como com aquilo que não posso nomear e provoca a criar. Para tanto, neste escrito, opero com ideias de Manning (2023), Macedo (2017;2022), Miller (2022), Haraway (2023) e Spivak (2009) e faço do texto, ele próprio, textura numa experimentação metodológica que acontece no encontro com quem/aquilo que o toca e é, neste movimento mesmo, tocado. É então como uma performance artística passível de repetição, mas que ao se repetir não repete o mesmo, em meio às linhas e entrelinhas de si, que esta escrita – e diria a própria pesquisa – se coloca. Como uma espécie de superfície viva, cuja constituição complexa, corriqueira e feroz possui dimensões que se emaranham – nunca da mesma maneira ou mesmo na mesma proporção – àquilo que tocam, reconfigurando a si e ao outro a cada resposta espaço-tempo-materializando mundo. No tocar e ser tocada, no risco e na interseção do toque, experimenta-se um “ser-com que deve, sempre, permanecer um ser-sem” (Manning, 2023, p.46) que “servirá [justamente]

para marcar a separação, a cisão entre nós.” (p.47) E, isso, nas palavras de Erin Manning (2023), “é política: o momento que re-conheço que tocar um outro é tocar o impenetrável” (p.47), é ir em direção a um segredo que se esquia/transforma sempre. Desse modo, argumento que texturizar currículo abre a possibilidade de imaginar uma prática do toque que nunca é estática, como uma prática cujo “centro não pode ser formulado, tampouco alcançado”. (p.47). Uma prática do “dissenso, sendo que dissenso não é confronto entre interesses ou opiniões, mas a manifestação de um engajamento criativo.” (p.48). Dessa maneira, o dissenso pode ser compreendido como “um elemento produtivo que permite a ocorrência da nossa mundificação” (p.48) no entendimento de que nada é, mas está sendo na incompletude e no encontro-com que é sempre um encontro-sem. Logo, uma prática do toque, no que busco aqui defender, “implica uma política espiralada em-criação, um eterno retorno do desconhecido [...] como afirmação de que precisamos criar espaço e tempo para a política, em que este espaço e tempo possam exceder o estado atual (das coisas).” (p.48). O que significa que texturizar currículo, pensá-lo como toque “é uma tática discursiva do incognoscível” (p.48) que o abre para aquilo que abala, subverte e provoca novas elucubrações e que muitas vezes não é acolhido e compreendido como currículo por políticas recentes. Falo aqui das trocas de olhares, dos bilhetes furtivos, dos escritos nas portas dos banheiros, das falas desafiadoras, das gargalhadas inesperadas, das confidências, dos vínculos de amizade, dos silêncios, do orgânico e do inorgânico, das sensações, do monstruoso, do que afeta e mobiliza a criar... Aquilo que Elizabeth Macedo, no texto “Currículo no portão da escola”, nomeia como *tantas-coisas* (Macedo, 2017, p.20) e que todos nós sabemos que existem e que estão lá, estão aqui e são impossíveis de não estar uma vez que escola e currículo como texturas complexas, instáveis e ambivalentes, assim como este texto ou mesmo a vida, acontecem como encontro na fricção entre linhas e entrelinhas, no tocar e serem tocadas. *Tantas-coisas* que, com certa frequência, acabam engolidas por certa perspectiva curricular racionalista que busca atender metas, cumprir cronogramas, caber em grades horárias abarrotadas e responder a políticas curriculares mercadológicas e/ou messiânicas. Perspectiva que não entende como legítimas essas *tantas-coisas* e acaba por espaço-tempo-materializar mundo de maneira limitada ao fazê-lo, uma vez que deixa de fora tudo aquilo que foge ao esperado reproduzindo mesmidade. Isso não significa, contudo, que as *tantas-coisas* deixem de existir ou de produzir sentidos-materiais. Elas acontecem a todo tempo e em múltiplas direções, quer queiramos ou não, mas um discurso-material que as deslegitima e tem força normativa pode tornar mais difícil percebê-las por aqui, no currículo, na escola, na vida, relegando-as à abjeção, àquilo que nem se quer ousamos imaginar. E, se como nos diz Spivak, “(...) o que eu não consigo imaginar bloqueia tudo o que devo/posso fazer, pensar, viver” (2009, p.35), é preciso curricular de maneira a desestabilizar obstáculos,

reativar o impensável, o incontrolável e o “imprevisível num discurso pedagógico frequentemente normativo e prescritivo” (Macedo, 2017, p.31). É preciso estranhar o que parece estável, o que parece não poder mudar, pois, ecoando Haraway (2023), pensar como pensamos, importa. Assim, aqui defendo que entender currículo como textura é sobre legitimamente assumi-lo como uma prática do toque sempre incompleta que perturba projetos de universalização e convoca a imaginar-pensar-materializar-estetizar performaticamente o mundo, suas relações e, conseqüentemente, uma escola que acontece estando/não estando, emaranhando-se ao outro todo outro, no risco, no improvisado, no estar-com que é sempre estar-sem. De maneira que a agência está no engajamento que cria: um processo incessante, multidirecional e multitemporal. Encontro! Uma possibilidade de “intensificar [...] agenciamentos que rompem com a normalidade” (Macedo; Miller, 2022, p.14) na tentativa de “criar condições para que eles possam ser reconhecidos como currículo” (Macedo; Miller, 2022, p.14) e também como escola colocando a relacionalidade em primeiro plano.

Palavras-chave: currículo; escola; textura; toque; encontro.

## REFERÊNCIAS

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema*. Tradução de Ana Luiza Braga. n-1 edições: 2023.

MACEDO, Elizabeth; MILLER, Janet. L. Por um currículo “outro”: autonomia e relacionalidade. *Currículo sem fronteiras*, v.22: e1153, 2022.

MACEDO, Elizabeth. *Currículo no portão da escola*. p.17-43. In: Currículo, sexualidade e ação docente. Orgs.: Elizabeth Macedo; Thiago Ranniery / 1ª ed. – Petrópolis, RJ : DP et Alii, 2017.

MANNING, Erin. *Políticas do toque: sentidos, movimento e soberania*. Tradução Bianca Scliar. São Paulo: GLAC edições, 2023.

SPIVAK, G. C. *Outside in the teaching machine*. New York and London: Routledge, 2009.

\*O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do nível Superior – Brasil (CAPES). Código de Financiamento 001.